

DOSSIÊ
COMUNICAÇÃO, TECNOLOGIAS
MÓVEIS E ESTÉTICAS DIGITAIS



A CIDADE É O PALCO: PERFORMANCE E INTERAÇÕES MEDIADAS NO ESPAÇO

City is stage: performance and mediated interactions in the space

Paulo Victor Barbosa de Sousa*
José Carlos Santos Ribeiro**

RESUMO

O presente artigo aborda a cidade contemporânea a partir de uma perspectiva performática, tendo em vista as capacidades georreferenciadas de redes e serviços baseados em localização. Os espaços urbanos na atualidade encontram-se mediados por redes de conexão móveis, o que proporciona formas diversas de elo e interação entre as pessoas. Argumentamos que esse contexto tecnológico não deve ser visto apenas em relação a demandas estruturais, mas sim como mediadores de sociabilidade, suscitando problematizações quanto ao modo de utilização e de performance pública. Discutimos, assim, abordagens teóricas que tratam a cidade como mais que um espaço de moradia, deslocamento e trabalho. Por conta da vivência e interação cotidiana, buscamos encará-la como um palco voltado a representações, frisando a importância da mediação desse conjunto digital nos processos de sociabilidade.

Palavras-chave: Cidade. Mídias locativas. Performance. Interação.

* Doutorando em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela Universidade Federal da Bahia, Salvador – UFBA) e membro do Grupo de Pesquisa em Interações, Tecnologias Digitais e Sociedade (GITS). *E-mail:* pvbsousa@gmail.com

** Doutor em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela UFBA. Professor Adjunto no Departamento de Psicologia (UFBA) e dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas (Poscom) e de Psicologia (Pospsi) da Universidade Federal da Bahia e coordenador do GITS. *E-mail:* jcsr01@gmail.com

Data da submissão: 30/março/2014.

Data da aprovação: 13/maio/2014.

Revisão técnica e revisão ortográfica do artigo: Flávia Garcia Rosa.

ABSTRACT

This paper accounts the contemporary city from a performative perspective, looking at georeferenced capabilities of location-based networks and services. Nowadays, urban spaces are mediated by mobile networks that provide several ways of bond and interaction between people. We argue that this technological context should not be treated only in relation to structural demands but as mediators of sociability, evoking questions about the way people use them and perform themselves publicly. So we discuss theoretical approaches that offer a view of the city as more than a space of dwelling, commuting and work. Because of daily living and interaction, we treat the city as an open stage to representations, underlining the importance of this digital set in the daily process of sociability.

Keywords: City. Locative media. Performance. Interaction.

Introdução

Um dos aspectos notáveis na utilização da internet atualmente é a capacidade georreferenciada de dispositivos móveis, como *tablets* e *smartphones*. Fazendo uso dessa funcionalidade, em momentos recentes, surgiram serviços e redes baseados em localização, cujos funcionamentos e modos de operação se pautam nessa sensibilidade ao lugar, pondo a localização de sujeitos e objetos como elemento relevante para a constituição de narrativas e interações entre indivíduos. Encontramos bons levantamentos sobre esses usos em Lemos (2009), Sutko e Souza e Silva (2011), por exemplo.

Redes locativas (LEMONS, 2009) ou redes sociais baseadas na localização (SUTKO; SOUZA E SILVA, 2011) são serviços que conectam seus usuários entre si, utilizando-se de listas de contatos, e os colocam em consciência espacial mútua. Entram em cena como elementos cruciais para as interações entre os sujeitos a própria movimentação pela cidade e os lugares visitados e marcados pelos utilizadores.

Indo um pouco além de redes como *Facebook*, entretanto, as também chamadas LBSNs (do inglês *Location-Based Social Networks*) funcionam tomando como fundamento à referida capacidade georreferencial que possuem os telefones celulares e *tablets*, estabelecendo, pois, vínculos com o espaço das cidades. Diante das movimentações e das conexões entre as pessoas, a informação geográfica aparece como um elemento mediador das interações, promovendo incrementos na comunicação e na coordenação entre contatos no espaço público, facilitando encontros não programados e trazendo à tona a possibilidade de novas experiências no contexto urbano. (SUTKO; SOUZA E SILVA, 2011). Em linhas gerais, as redes locativas funcionam

por meio da coordenação entre seus usuários, os quais podem visualizar a si mesmos contextualizados no espaço urbano. Essa é uma condição que nos leva a uma compreensão do espaço distinta daquela que temos a partir de palavras, de coordenadas geográficas ou de representações genéricas, como mapas e atlas. O espaço visualizado e posto em perspectiva nos traz a percepção de que ele importa em termos de vivência cotidiana, não apenas por seus significados simbólicos (os quais vêm a configurar a noção de lugar), mas também por sua situação relacional: estar localizado espacialmente significa, afinal, que não se está em *qualquer* lugar, o que é importante para uma base comunicacional e interacional entre dois ou mais atores.

Quando temos aplicações e funcionalidades que estão atreladas a celulares, que se encontram corriqueiramente em grande proximidade dos sujeitos que as portam, há uma correlação imediata entre indivíduos e aquilo que realizam com seus dispositivos. (MALPAS, 2012). E igualmente contam nessa relação as questões voltadas à mobilidade: para onde vão, por onde ficam, como se locomovem ou que rastros deixam nas redes são dados que importam, especialmente quando disponibilizados entre pares. É possível pensar tais usos tendo em vista diversas preocupações, como a captura e o processamento de dados por parte de certas corporações. Por outro lado, há questões que envolvem dimensões relacionais entre os indivíduos e a movimentação pelo espaço medida pelos dispositivos móveis, as quais dizem respeito a um aspecto de interacionismo simbólico e construção de significados nas utilizações desse tipo de tecnologia/mediação.

É nesse sentido, observando a imbricação entre capacidades georreferenciais e a disponibilização pública de dados locativos, que nos interessa pensar a performatividade de sujeitos em meio ao espaço urbano permeado de fluxos infocomunicacionais. Observar a performance nesse contexto equivale a pensar sobre as ações desses sujeitos e seus significados em relação ao espaço em comum, tendo em vista o papel de mediação que realizam certas capacidades e objetos técnicos. Nosso olhar, vale frisar, centra-se no que diz respeito à construção de sentidos que recai sobre tais ações. Interessa-nos observar as possíveis decorrências sobre a sociabilidade e sobre os modos de interação cotidiana vivenciados, tendo a cidade contemporânea como o *locus* onde se constroem situações e palcos de representação. Assim, trata-se de não enxergar dispositivos móveis e arquiteturas interativas apenas como otimizações ou representações idealizadas do espaço, mas de perceber como esses elementos entram em jogo, por vezes de maneira discreta, na construção de situações e cenas tocadas entre os indivíduos que se movem e portam tais tecnologias. Além disso, observar o cenário por essa perspectiva equivale igualmente a encarar a mobilidade mais que apenas um efeito ou capacidade de locomoção, o

que já possui grandes desdobramentos políticos e econômicos por si. (URRY, 2007), mas como um elemento central com o qual a performance nesse espaço é constituída e trabalhada em seus sentidos, dotado de capacidades significativas tanto quanto os objetos que passam a mediar as relações sociais. Temos, nas palavras de Jensen um resumo dessa compreensão: “A noção de performatividade envolve, portanto, a compreensão de sistemas tecnológicos novos e mais abertos, os quais possibilitam a interação e o envolvimento de atores individuais na constituição da experiência coletiva de lugar por meio de novos tipos de objetos mediadores.”¹ (JENSEN, 2008, p. 10).

Trazer essa discussão para o patamar das performances é um modo de colocar em tensão a forma como os indivíduos se dispõem publicamente e constituem seus históricos tendo em vista a capacidade locativa. Ao utilizarem redes e serviços georreferenciados em seus dispositivos móveis, as pessoas elaboram marcações no espaço e no tempo que, enquanto são dados dispostos num ambiente eletrônico específico, ficarão registrados sem prazo definido – o que equivale dizer, virtualmente, que farão parte de uma história eternizada, mesmo que com grande apelo presenteísta.

A base da preocupação aqui trazida, tomando a ocorrência de redes e serviços baseados em localização e sua ampla popularização especialmente em *smartphones*, é a consciência mútua entre usuários de tais ferramentas e os atos performáticos que daí podem resultar. Diversas LBSNs lidam com a coordenação entre os usuários, de modo que alguém saiba onde estão e o que fazem seus amigos, ao passo que esse mesmo indivíduo também é posto como elemento informacional para eles. Essa disposição de dados, por mais recortada, selecionada e enquadrada que possa ser, ocasiona, por consequência, um modo de atuação performática, anunciando suas ações para uma audiência suposta de amigos e conhecidos.

As perguntas que orientam este artigo dizem respeito à utilização e à fruição urbanas subjetivas. Como o espaço da cidade é levado à circulação enquanto elemento de informação, no lugar de servir como um espaço *para* a circulação? Como ele vem a servir de contexto performático? Como pensar a performance no espaço público midiático? Dentre várias inquietações, o que se encontra em jogo é a performance e o estabelecimento de processos interacionais tendo o espaço urbano como fundo para cenas e situações.

¹ Tradução nossa: “The notion of performativity thus involves the understanding of new and more open technological systems that allow for interaction and involvement of individual actors to shape the collective experience of place through new kinds of mediating objects.”

Ao tomarmos esse rumo, o presente artigo lida com um referencial que nos possibilita perceber, como indivíduos, seus pares e coletivos se articulam tendo por base o espaço em comum como um palco. Buscamos, assim, realizar uma discussão teórica que considere o conjunto formado por espaço urbano, redes telemáticas e redes sociais a partir de uma perspectiva interacional, tendo as atribuições de sentido como um elemento crucial das performances individuais e coletivas. Dessa forma, inicialmente, discutimos sobre como a cidade contemporânea pode ser vista como um palco para além de suas atribuições estruturais, frisando o lado “soft” (RABAN, 1974) que se encontra nos interstícios de sua materialidade. Em seguida, colocamos em tensão as cenas e as situações definidas, buscando compreendê-las tendo em vista a chegada de dispositivos de comunicação móveis e telemáticos. Finalmente, tratamos da performance em rede e espacializada como um elemento a merecer atenção quando das implicações sobre a mobilidade.

Buscamos com a discussão realizada neste artigo pensar a cidade contemporânea a partir das perspectivas teóricas de Goffman (2009) e Meyrowitz (1985), elencando questões concernentes ao modo de apropriação do espaço público como um palco de interações e representações. Tal questão nos parece pertinente não só pelo aspecto da sociabilidade (o que já suscita preocupações de diversas ordens, inclusive econômicas – observemos como grandes corporações da internet, como o *Facebook*, atuam em seus modelos de negócio) como também pelo zelo e pelas políticas de manutenção do espaço urbano (o que traz consigo questões relativas à qualidade de vida, por exemplo). A cidade contemporânea está radicalmente mediada por dispositivos móveis e redes telemáticas. Perceber a maneira pela qual ela se apresenta como espaço de interação e conversação e visualizar como essa mediação entra em jogo nos aspectos de sociabilidade são passos importantes para outras preocupações mais específicas, especialmente quando essas se voltam a dinâmicas de valorização da vida urbana.

Representações e espaço público: a cidade como palco

Durante uma parte considerável dos estudos sobre as cidades, observar o contexto urbano e pensar seu modo de administração foram ações voltadas ao provimento de bons espaços públicos e boas formas de mobilidade. (GRAHAM; MARVIN, 1996). O modo com as cidades são tratadas por essa perspectiva implica em conduções uníssonas. Além disso, a comunicação e as interações entre os indivíduos habitantes de um mesmo espaço urbano

pouco esteve no foco das atenções, mesmo que, em boa parte, dela dependesse – pensemos em sistemas de telégrafos ou telefones, por exemplo.

Superando o aspecto de unidade, hoje já se percebem visões mais pluralistas sobre a cidade contemporânea: as perspectivas sobre o espaço urbano hoje abrangem ideias que vão além das narrativas dos modelos industriais modernistas, os quais encaravam o espaço “como uma simples e asséptica porção física da vida urbana”. (FIRMINO, 2005, p. 309). Se considerássemos apenas esses aspectos rígidos e funcionais, colocaríamos em detrimento outras tantas questões socioculturais que se encontram praticadas na cidade, especialmente aquelas que se dão na ordem do imaginário e da sociabilidade. Observar a cidade, assim, equivale a mirar sua pluralidade de conexões e atuações:

Uma cidade agora é menos um sítio físico para interação social no espaço público – como era tida na visão modernista – e mais um lugar fixo para interseção de redes globais que transportam os fluxos instantâneos de signos e informações, os quais, atualmente, dão forma à vida social e cultura urbana.² (GRAHAM; MARVIN, 1996, p. 184).

É necessário perceber que tal cenário apresenta-se desestabilizador das relações, das práticas econômicas e das dimensões políticas. Se o sítio físico já não tem mais o mesmo papel para a interação social, vislumbram-se ao menos duas perguntas: a) se as interações não deixam de existir, para onde elas vão?; e b) o que significa o espaço físico situado nessa cidade mediada?

Similarmente num caminho provocador, e pondo em tensão a relevância do espaço físico, Varnelis e Friedberg (2008) retratam uma cena corriqueira na rede de cafés Starbucks. Funcionando como uma metonímia para a vida contemporânea e tomada pela característica pervasiva da conexão em rede, na visão dos autores, a loja Starbucks nos coloca, da maneira como é observada, uma indagação sobre seu papel como espaço físico: o quanto ela importa para as interações que nela se dão? A questão vem à tona devido ao modo como os sujeitos observados na cena atuam. Na descrição, pessoas estão em contato umas com as outras, mas não por meio do encontro físico local: as ligações se dão através de ambiências eletrônicas mantidas pelo celular e por conexões de internet; importa não o que ou quem está próximo, mas os dados que se ligam por formas telemáticas de

² Tradução nossa: “A city is now less a physical site for social interaction in public space – as in the modernist vision – and more a fixed place for intersection of global networks that carry the instant flows of signs and information which currently shape urban social and cultural life.”

comunicação. As relações entre o indivíduo, sua identidade e a prática do espaço projetam outras formas de lidar com as informações. As capacidades de controle sobre os próprios dados históricos e interações, nesse cenário, já não dizem mais respeito à mera presença física, mas lidam com aspectos em que esses fluxos ultrapassam as barreiras materiais, criando contextos de espaços híbridos. (SOUZA E SILVA, 2006). Desse modo, a navegação simultânea em dois ou mais espaços se revela como algo relacionado ao manuseio apropriado desses espaços com as informações circulantes. (GORDON; SOUZA E SILVA, 2012, p. 86).

Num movimento de relativa desterritorialização, esse elo disperso e imaterial coloca o espaço do café numa perspectiva de uso antes inexistente e, no mínimo, irônica: as pessoas que ali estão presentes encontram-se juntas, mas não necessariamente interagem nem se relacionam com o próprio lugar em que estão situadas. Conversam com outros indivíduos distantes, trocam informações sobre seus trabalhos e resolvem questões pessoais. Ainda assim, estão atuando sobre o espaço, mesmo que o coloquem numa perspectiva de menor importância. A pergunta vem à tona mais uma vez: qual é o papel da loja de café como espaço físico?

A cena anteriormente descrita não se dá à toa: há conotações específicas em estar localizado numa loja da rede Starbucks, e elas vão além da própria situação física. Essa atribuição de rastro e valor social é importante para a compreensão do que significa estar e performar no espaço. Nos dizeres de Mumford, a cidade pode ser encarada como um teatro para a ação social, no qual se concentrariam nossas intenções. (MUMFORD, 1937; MAKEHAM, 2005). Essa compreensão nos leva a observá-la por um viés de performance e teatralidade, o que significa percebê-la também como formada (e sempre reformatada) por distintos signos apreendidos coletiva e individualmente.

Ainda que a preocupação trazida por Vanelis e Friedberg (2008) se dê em relação ao papel do espaço físico coletivo, não nos parece ainda possível lidar com um olhar tradicional para essa prática espacial. Tomando outra perspectiva, a abordagem aqui trabalhada diz respeito ao uso da cidade por seu aspecto teatral, como um interessante plano de fundo repleto de significados sociais. Percebamos: se a prática espacial muda, transforma-se igualmente também seus significados e apropriações enquanto lugar. Conceber-se o espaço urbano como um teatro não nos leva a uma visualização pautada na simulação ou no espetáculo – como abordam com mais propriedade Makeham (2005) ou Jacques (2012) – mas a um modo de percebê-lo repleto de experiências possíveis e compartilháveis. E, nesse sentido, igualmente representativas em termos de significados.

Mais que considerar a cidade e seu espaço como formas a serem moldadas, planejadas e executadas segundo critérios específicos de administração,

pautados numa perspectiva tecnocrática, é possível observá-la tomando um ponto de vista baseado em teatralidade e ações performáticas – o que não deve invalidar outras perspectivas de desenvolvimento e utilização do espaço urbano. O que saltam aos olhos são as estratégias, articulações e elementos utilizados nesse jogo de representações e criação de memórias, bem como as tensões que daí emergem (outras indagações, como as motivações e os objetivos, passam ao largo desse propósito). Nesse sentido, toma-se como base o pensamento de Mumford, o qual compreende a cidade como um “teatro da ação social”, considerando-a dentro de uma proposta relativa à teatralidade. Em seus dizeres,

é na cidade, a cidade como teatro, que as atividades mais intencionais dos homens estão focadas e são transformadas, por meio do conflito e cooperação de personalidades, eventos, grupos, em culminações mais significativas.³ (1937, p. 93).

Seguindo o argumento de Makeham (2005), tomá-la como tal significa percebê-la segundo uma perspectiva de economia de experiências para além da mera distribuição de mercadorias e serviços. Ao falarmos de experiência e ao tratá-la a partir de um viés econômico, percebemos uma mudança no modo como o capital circula no contexto das cidades: saímos de um modelo pautado na produção e distribuição para um modelo baseado no consumo cultural. Esse consumo, aliado ao modo espetacular como as experiências urbanas são concebidas e administradas, apresenta-se em meio aos espaços da cidade e é moldado por ele tanto quanto o molda, fazendo parte de sua existência cotidiana. Como nos aponta Jensen (2006, p. 148), a experiência do espaço e do tempo no contexto urbano está diretamente atrelada ao modo como o dinheiro circula nas cidades.

A compreensão da cidade como palco nos leva à indagação sobre: a) como nossas experiências nos levam a aspectos de teatralidade e performance tendo o espaço em comum como palco de atuação; e b) sob que formas essas estão manifestas na cidade. Além disso, compreendê-la como palco é uma forma de observá-la não apenas como uma forma de vida, mas como espaços de práticas e apropriações no cotidiano. Quando olhamos para a cidade como palco e vislumbramos uma “cena urbana”, logo se sugere que, nesse teatro, haja uma relação nem sempre tão explícita entre quem representa e quem acompanha o que é representado: como nos fala Blum

³ Tradução nossa: “It is in the city, the city as theater, that man’s more purposive activities are focused, and work out, through conflicting and cooperating personalities, events, groups, into more significant culminations.”

(2003): “Se uma cena está sendo realizada, então deve haver tanto atores quanto audiência.”⁴ (Apud MAKEHAM, 2005, p. 153).

Em referência a Raban (1974) e sua *Soft City*, Makeham (2005) realiza uma aproximação entre as cenas e o lado “soft” da cidade – aquilo que não se estabelece como estrutura rígida, como as construções, mas que se constitui especificamente pelas associações entre as estruturas e as redes formadas dentre os indivíduos. Jacobs (2011) também apresenta preocupações em sentido similar quando elenca e discute meios para se chegar a uma cidade que se apresente não apenas útil em termos de moradia e mobilidade, mas aprazível e amigável para as pessoas, vívida e convidativa à coletividade e diversidade. Ou seja, sua atenção também recai sobre esse lado “soft” e menos palpável do dia a dia.

Falando especificamente sobre o ato de performar a cidade, Makeham (2005) faz notar que, por vezes, as noções de performance e teatralidade estão às claras e de modo mais palpável, como quando se observa o teatro de rua, as manifestações populares, festivais, instalações artísticas ou ações similares. Outras vezes, contudo, a performance e a teatralidade estão alocadas num âmbito abstrato, metafórico, microlocalizado, difícil de ser percebido enquanto tal. Talvez seja num limiar entre essas duas percepções que nosso argumento aqui se situa, mas nosso esforço é de fazê-lo ser visto sob a perspectiva da tomada da cidade como palco e como um espaço onde se constroem narrativas. O porquê dessas narrativas e de suas conseqüentes execução e publicização demandam outros esforços de compreensão que, como já frisado, não pertencem ao escopo deste texto.

Tomar a cidade contemporânea pela perspectiva da teatralidade, assim, importa-nos como uma base conceitual sobre a qual as interações e representações de indivíduos e grupos podem se efetivar. Se a cidade é um teatro, como nos fala Mumford, é preciso, portanto, fazê-la não se calar: quando ela fala, falam seus atores, seus habitantes e praticantes. Importa visualizar, assim, de que maneira estão dispostas essas falas e, igualmente, de que modo as cenas e os diálogos são administrados. Tendo em vista a mediação efetuada pelos dispositivos móveis e pelas redes às quais estão atrelados, buscaremos, a seguir, discutir as tensões relativas às cenas tocadas.

⁴ Tradução nossa: “If a scene is being played there must be both actors and audience.”

Quando a mediação entra em jogo

A noção de performance, entendida como sentido construído no ato, também é trazida por Goffman (2009) quando propõe uma abordagem teatral para dar conta das interações sociais microlocalizadas. Tomando por base a premissa de que nossas ações são imbuídas de significados simbólicos, Goffman adota uma perspectiva dramatúrgica para compreender como estabelecemos e mantemos papéis em nossas ações cotidianas. Há aí um consenso mantido num jogo de manifestações e reações entre aqueles que se encontram em interação (ou em vias de interagir), localizadas em “situações”. Uma situação, assim, nada mais é que o “ambiente espacial completo em que ao adentrar uma pessoa se torna um membro do ajuntamento que está presente, ou que então se constitui”. (GOFFMAN, 2010, p. 28). Desse modo, por meio de metáforas espaciais, o autor propõe um quadro conceitual com o qual possa visualizar ações e disposições dos sujeitos que se encontram em “cena”, tratando tal situação como um acordo realizado entre aqueles que interagem. Procedendo dessa maneira, Goffman frisa que tal olhar não trata de perceber o quanto de veracidade ou crença os indivíduos depositam e retiram da situação, mas de observar como ela é alçada a um patamar de compreensão e aceitação mútuas. Perceber e analisar a teatralidade das situações sociais não é um caminho para se estudar o que nelas há de real ou irreal, mas visualizar, mapear e sistematizar os processos, as estratégias e atuações: “Os participantes, em conjunto, contribuem para uma única definição geral da situação, que implica não tanto um acordo real sobre o que existe, mas, antes, um acordo real quanto às pretensões de qual pessoa, referentes a quais questões, serão temporariamente acatadas.” (GOFFMAN, 2009, p. 19).

Diante dessa visão baseada num processo dramatúrgico, dois dos seus conceitos mais valiosos dizem respeito precisamente ao palco e à plateia e ao modo como ambos se dispõem e se respeitam mutuamente. Compreendendo os contextos como cenários e trabalhando com ideias de regiões, Goffman propõe, primeiramente, a região de fachada como aquela voltada à atuação, à representação e ao estabelecimento tácito daquele contrato situacional: atuar na região de fachada seria “um esforço para dar a aparência de que sua atividade nessa região mantém e incorpora certos padrões”. (2009, p. 102). É aquilo que dado “ator”, dentro das circunstâncias e dos contextos percebidos e compreendidos, vai tomar como esperado para a manutenção de seu papel.

Por outro lado, a região de fundo é aquela em que os atores envolvidos no processo de representação podem largar suas “máscaras” e deixar de atuar segundo os modelos prescritos. “Aqui o ator pode descontraí-se, abandonar sua fachada, abster-se de representar e sair do personagem.” (GOFFMAN,

2009, p. 107). Na região de fundo, também concebida como bastidor, é possível relaxar e dar vazão a todos os elementos e as maneiras que foram mantidos escondidos quando da manutenção da fachada. Tal região, assim, nada mais é senão uma espécie de esconderijo ao qual determinada plateia não pode ter acesso. Entretanto, na medida em que outras pessoas podem visitá-la, uma região de fundo pode se tornar palco de atuação para outro público específico. Dessa forma, o bastidor não é um termo absoluto, tanto quanto o palco também não o é: ambos estão correlacionados e situados inversamente e na dependência de quem atua e quem percebe a cena. Nesse jogo de atuações, é na fachada que se faz crer na naturalidade da cena, mas toda a credibilidade só é constituída *na* e *pela* existência da região de fundo.

A abordagem de Goffman (2009), contudo, está pautada nas interações realizadas presencialmente. O caminho por ele trilhado não dá conta exatamente dos modos como nos dispomos e executamos atuações publicamente na atualidade, muitos deles mediados por tecnologias digitais móveis. Entram em cena, portanto, o telefone celular, o *smartphone*, o *tablet* e demais dispositivos eletrônicos dotados de conexões ubíquas, bem como serviços, aplicativos e redes sociais que estabelecem vínculos com o espaço público. Essa ecologia nos tira o “norte” de como são administradas as interações, as situações (copresentes e mediadas), as formas de performance, as constituições de narrativas e as próprias encenações gerenciadas. Aqui se encontra o principal ponto de tensão desenvolvido neste texto: é possível articularmos essa abordagem dramaturgica quando da própria exposição e narração em distintos contextos e situações? As atuações realizadas face a face são da mesma ordem ou natureza que aquelas executadas por meio de dispositivos eletrônicos? Como pensar as disposições e relações entre palcos, bastidores, plateia e atores quando do espraiamento das informações dispostas em rede?

Com efeito, ainda que Goffman não tenha trilhado tais caminhos, uma tentativa de adição a esse quadro teórico se dá com Meyrowitz (1985) com *No sense of place*. Abordando o papel destabilizador dos meios eletrônicos e tendo como foco principal a televisão, Meyrowitz procura discutir como tais meios provocaram rearranjos nas formas de contato social, especialmente com sua capacidade de dissolver ou borrar as fronteiras entre os conceitos e os espaços já relativamente estabilizados – o que equivale a colocar nos termos de situação e palcos de Goffman. Segundo seu argumento, as diferenças contextuais antes eram mantidas por meio de claras divisões físicas entre as pessoas e seu mundo de experiências. A dificuldade de compreensão em fins do século XX, portanto, estava no fato de que os novos meios eletrônicos, em especial a TV, punham num mesmo contexto diferentes indivíduos que antes tinham papéis separados:

“Ao trazer variados tipos de pessoas para o mesmo ‘ lugar’ , os meios eletrônicos fomentaram um desfoque dentre muitos papéis sociais previamente distintos.”⁵ (MEYROWITZ, 1985, p. 6).

Ainda que beba nas fontes do interacionismo simbólico, como igualmente trabalhado por Goffman, Meyrowitz enxerga limitações quanto à discussão trazida por aquele autor, abordando as interações não pelo mero encontro presencial dos indivíduos, mas por aquilo que é posto a par ou não entre eles. Frisa, assim, a informação e sua circulação como elemento crucial para a sustentação das regiões. A copresença física, portanto, quando vista por uma perspectiva que trabalha com entrecruzamentos midiáticos, não é o elemento crucial para as situações, e a teatralidade tocada pelos indivíduos pode encontrar apoio em outros processos intervenientes – a saber, a própria referência geográfica disponibilizada entre os contatos. Como aponta Moores, a perspectiva que Goffman adota está deveras pautada nas questões espaciais da situação mantida: “No situacionismo, houve uma preocupação muito forte com o estudo das interações face a face, fisicamente copresentes, e uma tendência de se assumir uma relação necessária entre situações sociais e localizações ou ambientes físicos.”⁶ (MOORES, 2012, p. 3).

Com efeito, para Meyrowitz, Goffman trabalha com sua proposta com grande foco nas metáforas físicas, mas a questão relativa às situações e regiões não deveria frisar tanto assim a espacialidade. “Não é a configuração física em si que determina a natureza da situação, mas os padrões de fluxo de informação”,⁷ argumenta (MEYROWITZ, 1985, p. 36). De fato, enquanto nossas ações se dão num mesmo contexto espacial, o quadro referencial de Goffman parece ser suficiente para a compreensão dos cenários e das nossas atuações. Mas quando outros dispositivos mediadores ganham relevo dentre os modos de comunicação e interação humanas, a presença física tem seu terreno desestabilizado (e, portanto, atenuado); o que continua com grande importância, de fato, para além da copresença, é a informação e os seus modos de distribuição, e não apenas os aspectos físicos em si. Como nos diz Meyrowitz (1985, 37), “situações e performances sociais, em geral, podem ser transformadas ao se introduzirem novos meios de comunicação”.⁸

⁵ Tradução nossa: “By bringing many different types of people to the same ‘ place’ , electronic media have fostered a blurring of many formerly distinct social roles.”

⁶ Tradução nossa: “In situatnism there has been an overwhelming concerne with the study of phisically co-present, face-to-face interactions, and a tendency to assume a necessary connection between social situations and physical locations or environments.”

⁷ Tradução nossa: “It is not the physical setting itself that determines the nature of the interaction, but the patterns of information flow.”

⁸ Tradução nossa: “social situations and social performances in society, in general, may be changed by the introduction of new media of communication”. Adaptamos o uso do adjetivo “social” de modo a não termos uma tradução literal e marcada pelo pleonasma.

Por essa perspectiva, as distinções entre região de fachada e de fundo são mais que espaciais: o elemento que separa essas duas áreas é a informação (ou o acesso restrito a ela), e não o mero movimento físico dos atores entre as regiões. No modo de encarar de Goffman, o deslocamento dos atores daquela cena é que cria as regiões, justamente porque as informações não podem sair de uma região para outra. Mas Meyrowitz adiciona a mediação de dispositivos eletrônicos, os quais deslocam aquelas informações antes bem-resguardadas: uma simples câmera ou microfone na cozinha de um restaurante é o suficiente para desestabilizar a separação de regiões – desde, é claro, que os dados transmitidos possam ser capturados por um público que até então era apenas audiência. Daí surge a tensão trazida por dispositivos como celulares quando inseridos em situações de copresença, os quais podem criar mais de uma região de fundo num mesmo contexto físico. Nos dizeres de Gordon e Souza e Silva, “a natureza da performance, mesmo que parcialmente determinada pela configuração física do local, pode ser influenciada por uma transformação informacional da situação”.⁹ (2011, p. 99).

Curiosamente, Moores (2012, p. 12) nos lembra que é somente em obra mais recente que Meyrowitz (2005) assume uma postura mais relativizadora quanto à localização dos fenômenos e sua importância como elemento significativo para as interações. Em termos de comunicação massiva, Couldry (2003), por exemplo, baseado especialmente em Dayan e Katz (1992) e Scannel (1996), levanta importantes questões quanto à articulação de conglomerados midiáticos e o controle ou exaltação que realizam sobre o espaço, quando, em busca da criação de manutenção de rituais voltados a si mesmos, colocam-no num patamar tanto legitimador (do próprio poder) quanto legitimado (uma vez mais, pelo próprio poder). Essa é também uma abordagem próxima daquilo que Adams invoca pelos meios de comunicação *nos* espaços e os lugares representados nesses meios. (ADAMS, 2009). Fugindo um pouco do sentido atribuído aos grandes centros de mídia, Meyrowitz (2005) traz à tona noções como o “outro generalizado” e o “outro lugar generalizado”, fazendo paralelos com os trabalhos básicos do interacionismo simbólico (MEAD, 1934; COOLEY, 1964) e nos lembrando que esses *outros*, vistos como elementos midiáticos (e, portanto, relativamente deslocados de seu lugar original), servem de espelho para nossa própria constituição e para nossas localidades. Mesmo com grandes não atuando com o deslocamento como atualmente lidamos, os meios eletrônicos nos permitiram enxergar a alteridade de modo antes inviável, justamente pela facilidade de deslocamento de mensagens e contextos sem grandes sofrimentos quanto às constrições do espaço: “Nós podemos, por

⁹ Tradução nossa: “In other words, the nature of the performance, while partly determined by the physical setting of the plaza, can be influenced by an informational change in the situation.”

exemplo, pensar em nossa localidade como ao norte ou ao sul de outro lugar qualquer; como mais liberal ou mais conservador que outra localização; como mais velha ou mais nova, mais ou menos exótica, ou mais fria ou mais quente que outros lugares”.¹⁰ (MEYROWITZ, 2005, p. 23).

Ainda que faça essa consideração, Meyrowitz, contudo, lembra a perspectiva negativista de Relph (1976) e seu conceito de *placelessness* (algo como “ausência de localidade”). Assim como Augé (1994), Relph enxerga certa homogeneidade nos espaços na contemporaneidade, o que levaria os lugares a perderem suas características mais singulares. Augé (1994) apresenta sua principal preocupação quanto ao modo como os espaços são planejados e geridos sem serem levados em conta as características e os históricos locais, enquanto Relph acentua a característica de certo enfraquecimento da conversação face a face ao passo que essa é midiaticizada. Esse pensamento põe os atores interagentes em dois polos distintos (como emissores e receptores) separados por um espaço desconhecido e unidos por uma conexão midiática – o que sugere um modo de compensar a ausência ou separação física. Contudo, mesmo que Meyrowitz (2005) considere nossas interações cada vez mais mediadas e que essa mediação coloque a localização como um pano de fundo, ele próprio levanta questões sobre as dificuldades de se delinear e manter adequadamente as situações fisicamente constituídas, justamente por conta da interferência de fluxos comunicacionais: para além da própria materialidade da copresença física, encontramos-nos num contexto em que determinadas situações precisam ser mantidas com o desligamento de celulares, computadores e outros meios de comunicação.

Rumo a que performance?

Meyrowitz sequer cita as redes sociais baseadas em localização – mesmo porque tais serviços não existiam à época da escrita de seu livro. Exemplos diversos apontados em Lemos (2009) e Sutko e Souza e Silva (2011) existem há cerca de cinco anos, e parte considerável deles não é amplamente adotada ou não encontra modelos de negócios que lhes permitam ter continuidade ou novos caminhos de desenvolvimento – o que implica pensar, por exemplo, os modos diversos de atuação e as conseqüentes gratificações para seus utilizadores. De qualquer forma, está claro que, ao se utilizarem do ambiente urbano como banco de dados, redes e serviços locativos, colocam em evidência a cidade e as particularidades de cada

¹⁰ Tradução nossa: “We may, for example, think of our locality as being north of or south of or somewhere else; as being more liberal or more conservative than another location; as older or newer, more or less exotic, or colder or warmer than other places.”

lugar como palcos propícios para encenações – que, como já frisado, não se trata de serem percebidas como falsas ou verdadeiras, mas como produtoras de sentido tendo em vista um público e uma rede de contatos a girar em torno de usuários-atores.

Mais que apenas estabelecer essa ligação tecnológica e de pôr em evidência a localização física, tais serviços e redes trazem a reboque uma analogia entre a “representação do eu” proposta por Goffman (2009) e a representatividade dos próprios lugares visitados e marcados. (SUTKO; SOUZA E SILVA, 2011). Tendo por base uma noção de lugar repleta de significados sociais (TUAN, 1983; CRESSWELL, 2004), há um alinhamento entre aquilo que se deixa publicizado na fachada e as movimentações que ficam recônditas nos bastidores, bem como um enquadramento no relato das experiências tidas. Nesse sentido, falar das apropriações espaciais, dos deslocamentos e das marcações históricas individuais é igualmente uma maneira de dar vazão às experiências para com o espaço praticado – uma forma, portanto, de estabelecer um elo entre a própria subjetividade e aquilo que se coloca em comum com seus pares. A performance, nesse sentido, não apenas se dá quanto às disposições espaciais ou como gerenciamos as fronteiras das cenas e das situações, mas leva em conta também fluxos de dados difíceis de serem controlados a perpassarem por contextos e públicos distintos.

A questão fica acentuada ao lembrarmos que o uso de tais ferramentas está atrelado a perfis públicos (ou semipúblicos), que dialogam diretamente com impressões e gerenciamentos identitários e exposição de si. (BOYD, ELLISSON, 2007; BAYM, 2010, 2011). Daí que é possível compreender a cidade em termos de teatralidade voltada à criação e expressão de sentido de sua população. A cidade, nesse contexto midiaticizado, não é apenas uma estrutura social voltada à moradia, ao trabalho ou à movimentação de pessoas e objetos, mas anexa a si situações e elementos simbólicos postos em circulação por dispositivos mediadores. Há, certamente, muito daquela forma de experiência urbana ressaltada pelo consumo cultural, como atenta Makeham (2005), e igualmente marcada pelo fluxo econômico voltado a estilos de vida e condução de personagens. Encontram-se, nesse ponto, tensões que dizem respeito a uma polarização entre termos espaços para moradia, trabalho ou lazer e espaços planejados para consumo o que nos parece assunto para outros trabalhos. De qualquer forma, percebê-la como tal nos leva a ter preocupações sobre como tecnologias pervasivas e sensíveis à localização podem ser utilizadas para a melhoria da qualidade de vida e da fluidez do trânsito, por exemplo, mas há também outros aspectos de ordem subjetiva que clamam por atenção. Como moradores ou visitantes de determinada área visualizam suas condições de vida ou de mobilidade pode ter relações como podem vir a performar nos lugares em que vivem ou que visitam – mesmo a relativa desatenção ao espaço da

loja Starbucks ressaltada anteriormente ainda possibilita que seja valorizada como um lugar povoado. A cidade midiaticizada carrega consigo um conjunto de possibilidades experienciáveis que, de distintos modos, fazem parte da construção de sentido na vida de seus cidadãos. Quando as LBSNs entram nessa equação, trazem novos dados sobre como a cidade é compreendida (pelo público), representada (por governos e empresas), gerenciada (enquanto é camada de dados) e usufruída (mais uma vez pelo público).

Esse, contudo, é um ponto de vista pautado na urbanidade e no gerenciamento da cidade. Há aspectos de sociabilidade que passam pela condução de *personas* e de correlações identitárias em redes sociotécnicas. No contexto atual, parece-nos inviável deixar de perceber o entrecruzamento entre espaços físicos e o fluxo de informações que lhes reconfigurem o sentido – e que reconfiguram, especialmente, cenas e situações. É preciso observar as performances nesses canais, assim como são cooptadas e percebidas por atores poderosos, especialmente quando lembramos que formas diversas de manifestação individuais e coletivas passam, na contemporaneidade, não apenas por arranjos midiáticos massivos, mas encontram em dispositivos móveis e redes de contatos personalizadas cada vez mais suportes para suas atuações. Como já argumentado por Jensen (2008), novas formas de performatividade envolvem a adoção de novos dispositivos mediadores.

Para além das considerações próprias do planejamento urbano ou da administração do espaço público, ou ainda, da promoção de incentivos à apropriação e à ação de coletivos, a preocupação neste artigo se situou na tomada da cidade como um modo ou caminho de expressão. Se nossas histórias estão alocadas no tempo, elas também possuem localizações específicas, e é diante do conhecimento/publicização sobre os lugares que se situa a observação de práticas interacionais pautadas nessa relação espacial. No contexto do mundo moderno, *performar* é uma das formas como as quais as pessoas trabalham os significados para suas vidas, ou seja, um modo de atribuímos sentidos às atividades que realizamos. (MAKEHAM, 2005). É preciso, então, enxergar o espaço urbano aberto e maleável, não como algo dado e, por vezes, à espera de uma impressão identitária. Nesse sentido, repensar o papel da comunicação aliada à mobilidade não diz respeito apenas a questões estruturais, mas também à reconfiguração do que entendemos como público, o que nos leva a perceber outras questões atreladas à performance *no* espaço e *pelo* espaço. Como se utilizam as pessoas desse palco? Quais são os sentidos atribuídos aos lugares e à mobilidade?

De diversos modos, então, a reconfiguração de complexos sistemas de comunicação e mobilidade não se dá simplesmente quanto às infraestruturas, mas quanto à reconfiguração do público em si – seus significados, suas capacidades para auto-organização e mobilização política e suas formas múltiplas e fluidas.¹¹ (SHELLER; URRY apud JENSEN, 2008, p. 6).

Quando observamos a cidade como um espaço propício para a construção de situações e de palcos temporários e móveis, observamos igualmente a mudança dos cenários e dos espaços de interação. Deparamo-nos, no contexto atual, com o espraiamento de conexões – tanto técnicas quanto de caráter interacional. As duas, contudo, estão amplamente entrelaçadas: uma atua sobre a outra e têm, como contexto de performance, o espaço urbano enquanto palco.

Com a discussão teórica aqui realizada, buscamos compreender a cidade contemporânea e suas conexões a partir de uma perspectiva comprometida não com os arranjos técnicos, nem tendo em vista a eficácia de serviços e estruturas físicas. A preocupação perseguida neste trabalho se deu em relação ao impalpável – mas observável – das relações humanas ocorridas no contexto citadino conectado. Observar redes e serviços georreferenciados traz implicações variadas que versam não apenas sobre as formas como o espaço da cidade é representado e tratado nos meios de comunicação, mas especialmente sobre como pode vir a permitir, diante do seu embricamento com tais tecnologias, novas formas de interação e mediação e de experiência com o que é público – nesse caso, tanto o espaço quanto o conjunto de pessoas a habitar ou a transitar pelo lugar. Para Jensen (2008), por exemplo, a discussão sobre o “fim da geografia” (preocupação próxima daquela apontada por Relph) ou tampouco a utópica falta de constrições físicas do ciberespaço não se configuram como os pontos principais de discussão que a mediação eletrônica em rede traz, mas a própria relação que os dispositivos mediadores podem estabelecer com o espaço em si. Pensar tal ponto nos remete à preocupação inicial do artigo, qual seja, precisamente, problematizar a liberdade e as possibilidades de performance que os indivíduos têm nos seus lugares praticados. Considerar tal questão é uma preocupação latente tendo em vista a cada vez maior interligação entre redes e serviços baseados em localização com o cotidiano, especialmente quando tomam o mesmo caminho da experiência vista pelo viés econômico apontado por Makeham (2005): vivemos um

¹¹ Tradução nossa: “In many ways, then, the reconfiguration of complex mobility and communication systems is not simply about infrastructures but the refiguring of the public itself – its meanings, its spaces, its capacities for self-organization and political mobilization, and its multiple and fluid forms.”

modelo pautado no consumo cultural, mas precisamente esse consumo é um processo de moldagem e explicitação performática e indicativa de pertencimentos simbólicos.

Referências

ADAMS, Paul C. *Geographies of media and communication: a critical introduction*. United Kingdom: Wiley-Blackwell, 2009.

AUGÉ, Marc. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas: Papirus, 1994.

BAYM, Nancy K. *Personal connections in the digital age*. Cambridge; Malden: Polity Press, 2010.

BAYM, Nancy K. Social Networks 2.0. In: CONSALVO, Mia; ESS, Charles. *The handbook of internet studies*. Oxford: Blackwell Publishing, 2011.

BLUM, Alam. *The imaginative structure of the city*. Montreal: McGill-Queen's University Press, 2003.

BOYD, Danah; ELLISON, Nicole. Social network sites: definition, history, and scholarship. *Journal of Computer-Mediated Communication*, v. 13, n.1, 2007.

COOLEY, Charles H. *Human nature and the social order*. New York: Schoken, 1964.

COULDRY, Nick. *Media rituals: a critical approach*: London; New York: Routledge, 2003.

CRESSWELL, Tim. *Place: a short introduction*. Malden: Blackwell, 2004.

DAYAN, Daniel; KATZ, Elihy. *Media events: the live Broadcasting of History*. Cambridge: Harvard University Press, 1992.

FIRMINO, Rodrigo. A simbiose do espaço: cidades virtuais, arquitetura recombinante e a atualização do espaço urbano. *Cibercidade II: Ciberurbe: a cidade na sociedade da informação*. Rio de Janeiro: E-Papers, 2005. p. 307-335.

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

GOFFMAN, Erving. *Comportamento em lugares públicos*. Petrópolis: Vozes, 2010.

GORDON, Eric; SOUZA E SILVA, Adriana de. *Net locality: why location matters in a networked worlds*. Malden, MA: Wiley-Blackwell, 2011.

GRAHAM, Stephen; MARVIN, Simon. *Telecommunications and the city: electronic spaces, urban places*. London: Routledge, 1996.

JACOBS, Jane. *Morte e vida de grandes cidades*. 3. ed. São Paulo: WMF; M. Fontes, 2011 (1961).

JACQUES, Paola B. *Elogio aos errantes*. Salvador: Edufba, 2012.

JENSEN, Ole B. "Facework", flow and the city: Simmel, Goffman, and mobility in the contemporary city. *Mobilities*, v. 1, n. 2, 2006.

_____. Networked mobilities and performative urban environments. Keynote paper for the conference *Space, Interaction, Discourse*. Allborg University, Dinamarca, 2008.

LEMOS, André. Arte e mídia locativa no Brasil. In: LEMOS, André; JOSGRILBERG, Fabio (Org.). *Comunicação e mobilidade: aspectos socioculturais das tecnologias móveis de comunicação no Brasil*. Salvador: Edufba, 2009. p. 89-108.

MALPAS, Jeff. The place of mobility: technology, connectivity, and individualization. In: WILKEN, Rowan; GOGGIN, Gerard (Ed.). *Mobile technology and place*. New York: Routledge, 2012.

MAKEHAM, Paul. Performing the city. *Theatre Research International*, v. 30, n. 2, p. 150-160, 2005.

MEAD, George H. *Mind, self, and society: from the standpoint of a social behaviorist*. Chicago: University of Chicago Press, 1934.

MEYROWITZ, Joshua. *No sense of place: the impact of electronic media on social behavior*. New York; Oxford: Oxford University Press, 1985.

MEYROWITZ, Joshua. The rise of globality: new senses of place and identity in the global village. In: NYÍRI, K. (Ed.). *A sense of place: the global and the local in mobile communication*. Vienna: Passagen Verlag, 2005.

MOORES, Shaun. *Media, place and mobility: key concerns in media studies*. London: Palgrave MacMillan, 2012.

MUMFORD, Lewis. What is a city?. *Architectural Record*, v. 82, p. 91-95, 1937.

RABAN, Jonathan. *Soft city*. London: Hamish Hamilton, 1974.

RELPH, Edward. *Place and placelessness*. London: Pion, 1976.

SCANNEL, Paddy. *Radio, television and modern life*. Oxford: Blackwell, 1996.

SHELLER, Mimi; URRY, John (Ed.). *Mobile technologies of the city*. London: Routledge Svenstrup, 2006.

SOUZA E SILVA, Adriana de. From cyber to hibrid: mobile technologies as interfaces of hybrid spaces. *Space and Culture*, v. 9, n. 3, p. 261-278, 2006.

SUTKO, Daniel M.; SOUZA E SILVA, Adriana de. Location-aware mobile media and urban sociability. *New Media & Society*, v. 13, p. 807-823, 2011.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: Difel, 1983.

URRY, John. *Mobilities*. Cambridge; Malden: Polity Press, 2007.

VARNELIS, Kazys; FRIEDBERG, Anne. Place: networked place. In: VARNELIS, Kazys (Ed.). *Networkd Publics*. Cambridge, MA: MIT, 2008.